

preencheria a chapa tucana-demopetesista (PPS) e petebista (PTB do Jefferson), o candidato da direita brasileira, José Serra, encontrou um vice, o emergente da Barra, Índio da Costa. Esse cria político de Cesar Maia, o tal ex-prefeito do Rio que na sua última administração abandonou a cidade para se dedicar integralmente ao seu blog, foi possivelmente indicado pelo filho do padrinho político, de nome Rodrigo Maia.

E assim o Partido Democratas (Demo), o ex-Partido da Frente Liberal, conseguiu emplacar o vice de linha tão ou mais conservadora que o patrono Maia. Índio da Costa é acusado pela vereadora do PSDB carioca Andréia Gouvêia de falcatrua com merenda escolar quando secretário de Administração na gestão do padrinho Cesar Maia. Ela até pediu licença do seu partido.

O jogo vai ser bruto, ou seja, a direita vai fazer o possível e o impossível para evitar que a candidata de Lula, Dilma Roussef, chegue lá. Serra tenta se apresentar como o “mais experiente para governar o país”, mas tentará evitar associações com outros políticos da América Latina, entre os quais o recém eleito Juan Manuel Santos, sucessor de Álvaro Uribe. O novo presidente colombiano, por sinal, está convocando Tony Blair, o “cachorrinho”

de George Bush, para ajudar a incrementar o que ele e alguns analistas denominam de Terceira Via, que na verdade não passa de uma marca de fantasia do esquema neoliberal inaugurado na Grã-Bretanha pela então primeira-ministra britânica Margaret Thatcher.

No mesmo time de Santos, e de Serra, encontra-se o menos conhecido presidente do Panamá, Ricardo Martinelli, que no último dia 1 de julho completou um ano de governo. O dirigente panamenho, também aliado de Washington, em 365 dias incrementou uma reforma do Código de Trabalho, totalmente inconstitucional, segundo analistas, que na prática acabou com o direito de greve dos trabalhadores. Como se não bastasse, Martinelli aprovou uma reforma fiscal que entrando em vigência acarretará um aumento de 40% nos impostos dos setores mais pobres da população. O imposto do consumo sobe de 5 para 7% para todos os produtos e serviços, sem incluir os alimentos.

Martinelli, como alguns candidatos a governos de Estado no Brasil, que prometeram acabar com a violência em seis meses, entre os quais o hoje diretor da Caixa Econômica, Moreira Franco, não cumpriu com a palavra, muito pelo contrário, pois em um ano o Panamá viu aumentar inclusive o tráfico de drogas e outras

manifestações de violência.

No Chile, o atual presidente Sebastián Piñera segue pelo mesmo caminho que o colombiano Santos e o panamenho Martinelli, enquanto em Honduras, o presidente Porfirio Lobo, que venceu uma eleição fajuta depois da derrubada de Manuel Zelaya, não deteve a repressão que se abate sobre o movimento popular do país, que já resultou em centenas de mortes.

Neste período pós-Copa e no momento em que a campanha eleitoral se intensifica, os eleitores brasileiros precisam ser informados sobre o que acontece neste continente e com isso ter mais elementos para poder fazer a opção por seus candidatos. Como, segundo indicam as pesquisas, a maioria absoluta não quer correr o risco de retrocessos como o que acontece nos países mencionados,

Por: Mario Augusto Jacobskind
Direto da Redação

PATRIOTISMO SEM FIM

Miami (EUA) - E a Seleção Brasileira está fora da Copa do Mundo da África do Sul, após a derrota para a Holanda por 2 a 1. Para a torcida brasileira, restaram frustrações, tristezas

e acusações, sobretudo aos vilões do momento, Dunga e Felipe Melo.

Agora, a torcida deveria mesmo estar decepcionada? Esta seleção representava verdadeiramente o futebol brasileiro? Estas perguntas continuam sem respostas e acionam uma discussão mais sociológica. Por que devemos todos (cegamente) torcer pela Seleção Brasileira de Futebol?

Eu, por exemplo, não entrei na onda verde-amarela durante esta Copa do Mundo. Os jogadores não formavam o melhor time da competição. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) não prima pela ética e pela simpatia. E a Comissão Técnica nunca me seduziu, sobretudo com o discurso guerreiro-patriótico do “grupo fechado”, onde todos os elementos estranhos eram tratados como inimigos, principalmente os jornalistas que lá estavam para relatar os acontecimentos.

Claro que todos sabem o quão é desgastante ser técnico da Seleção Brasileira de Futebol. Por mais que se faça, sempre surgem insatisfações. Verdade também que Dunga jogou duro e acabou com certos privilégios – mormente de alguns órgãos de imprensa -, mas ele nunca teve jogo de cintura suficiente para encontrar o meio termo, que não deveria ter sido este de acampamento militar e nem o de 2006, onde imperou a falta de profissionalismo.

Por ser fã de esportes, sempre

ASSINE / SUBSCRIBE BPT

Receba o BPT no conforto do seu lar por ano por apenas \$35,00.

Envie cheque ou money order para: BRAZILIAN PACIFIC TIMES P.O. BOX 60614 - SAN DIEGO, CA 92106

TEL.: (619) 223-2790 FAX.: 224-0099

Name: _____
Address: _____
City: _____ State: _____ Zip: _____
Phone: (____) _____ e-mail: _____

WWW.BPTONLINE.COM